

EXPRESSÃO E PERTENCIMENTO: AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA DE CIDADANIA NO CEPIW¹

Artemires Tainá Donária Silva Melo²
César Melo de Freitas Filho³
Cintya Juliana Pinheiro Castor Galindo⁴
Heverton Vinicius da Silva⁵
Lui Cadu Soares Bezerra⁶
Maria Clara de Sousa Anconetani⁷
Mayane Rodrigues de Lira⁸

Giovana Borges Mesquita⁹
Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PE

RESUMO

Este artigo apresenta um relato de experiência de oficinas de fotografia e edição de vídeo realizadas no Centro de Educação Popular Irmã Werburga (CEPIW), em Caruaru-PE, como parte da disciplina de Comunicação Comunitária. As atividades foram conduzidas por estudantes da UFPE e envolveram adolescentes em práticas de fotografia, produção de conteúdo com celular e uso do aplicativo CapCut. A proposta buscou estimular a expressão, o pensamento crítico e o protagonismo juvenil por meio da comunicação popular. Como resultado, observou-se maior engajamento dos participantes com os temas abordados e com a representação de sua própria realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Comunitária; CEPIW; Fotografia; CapCut; Protagonismo juvenil.

Introdução

1 Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE23 - Processos Midiáticos, Infâncias e Juventudes, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

2 Graduanda do Curso de Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco do Centro Acadêmico do Agreste. E-mail:

3 Graduando do Curso de Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco do Centro Acadêmico do Agreste. E-mail: cesar.freitas@ufpe.br

4 Graduando do Curso de Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco do Centro Acadêmico do Agreste. E-mail:

5 Graduando do Curso de Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco do Centro Acadêmico do Agreste. E-mail:

6 Graduando do Curso de Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco do Centro Acadêmico do Agreste. E-mail:

7 Graduanda do Curso de Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco do Centro Acadêmico do Agreste. E-mail:

8 Graduanda do Curso de Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco do Centro Acadêmico do Agreste. E-mail:

9 Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste. E-mail: giovana.mesquita@ufpe.br

A comunicação comunitária, segundo Peruzzo (2009), não se limita ao acesso à informação, mas representa um espaço de participação ativa, onde indivíduos e grupos marginalizados podem expressar suas vivências, reivindicar direitos e fortalecer sua identidade coletiva. Em um cenário de exclusão midiática e desigualdade de acesso à informação, iniciativas voltadas à comunicação popular tornam-se fundamentais para ampliar vozes historicamente silenciadas.

Este artigo apresenta o relato de uma experiência desenvolvida no âmbito da disciplina de Comunicação Comunitária, por estudantes do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Campus Caruaru. A atividade foi realizada no Centro de Educação Popular Irmã Werburga (CEPIW), organização não governamental que atua no Monte Bom Jesus, em Caruaru-PE, oferecendo atividades educativas e culturais para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

A proposta teve como objetivo central promover oficinas de fotografia e edição de vídeo, com foco na comunicação como direito humano e na valorização das narrativas juvenis. A partir de metodologias participativas e do diálogo com os próprios participantes, foram pensadas práticas que estimulassem a criatividade, o pensamento crítico e o protagonismo infantojuvenil, além de fomentar a apropriação das tecnologias de forma consciente.

Ancoradas nos pressupostos da pedagogia freireana (Freire, 1996), as oficinas buscaram promover um ambiente horizontal de troca e escuta, conectando teoria e prática na construção de saberes coletivos. Ao colocar os sujeitos no centro do processo comunicativo, a iniciativa reafirma a importância da comunicação comunitária como espaço de formação cidadã, fortalecimento de vínculos e produção de sentidos enraizados no cotidiano local.

A Comunicação comunitária como prática de transformação

No campo da comunicação, o conceito de comunicação comunitária se consolida como uma abordagem que valoriza o diálogo, o envolvimento coletivo e a democratização da produção simbólica (PERUZZO, 2009). Trata-se de um processo horizontal, que dá voz aos sujeitos sociais, promove a autonomia e contribui para a construção de identidades e vínculos comunitários. Essa prática rompe com modelos tradicionais e

hegemônicos de comunicação — centrados na emissão vertical de mensagens — e aposta em uma comunicação feita com e pelos sujeitos, e não apenas para eles.

Em territórios historicamente marcados por desigualdade social e ausência de políticas públicas consistentes, como o Monte Bom Jesus, em Caruaru-PE, iniciativas de comunicação comunitária tornam-se ainda mais urgentes. Essas ações contribuem para que crianças e adolescentes, muitas vezes invisibilizados pelas grandes mídias, possam exercer plenamente seu direito à expressão e à representação, produzindo conteúdos que reflitam suas realidades, vivências e visões de mundo.

A perspectiva adotada nas oficinas parte do entendimento da comunicação como um direito humano fundamental, conforme previsto na Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948) e reafirmado no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que garante o acesso à informação, à liberdade de expressão e à participação em espaços culturais e comunicacionais (BRASIL, 1990). Ao promover oficinas de fotografia e edição de vídeo, o projeto buscou não apenas ensinar técnicas, mas criar condições para que os adolescentes se reconhecessem como sujeitos comunicantes, capazes de contar suas próprias histórias, refletir criticamente sobre o mundo e intervir em seu entorno.

Ao estimular o protagonismo juvenil e o uso crítico da linguagem visual e audiovisual, o projeto também dialoga com os princípios da educomunicação, compreendida por Ismar de Oliveira Soares (2008) como uma prática pedagógica que integra comunicação e educação, voltada para a emancipação dos sujeitos. Assim, a proposta das oficinas esteve centrada na valorização das narrativas juvenis, no fortalecimento do pertencimento comunitário e no incentivo à participação ativa nos meios digitais — espaços nos quais esses jovens já circulam, mas nem sempre de forma crítica ou segura.

CEPIW e a prática de comunicação comunitária

O CEPIW é uma organização sem fins lucrativos que atende cerca de 150 famílias da comunidade do Monte Bom Jesus, bairro historicamente vulnerável de Caruaru. A instituição oferece atividades no contraturno escolar, voltadas ao desenvolvimento educacional, social e cultural de crianças e adolescentes. O espaço conta com oficinas de

teatro, circo, dança, leitura e acompanhamento pedagógico, e é reconhecido pelo seu papel na defesa dos direitos humanos e na valorização da infância e juventude.

A escolha da instituição para a realização do projeto se deu pela sua atuação consolidada na comunidade e pela abertura para parcerias com universidades. Desde o primeiro contato com a coordenação do CEPIW, houve interesse mútuo em promover ações formativas voltadas à comunicação. Os encontros foram organizados com base na escuta das necessidades do público atendido, considerando seus interesses e suas experiências anteriores com mídia e tecnologia.

Durante as oficinas realizadas no CEPIW foi possível perceber que os adolescentes já estavam familiarizados com o uso de redes sociais como TikTok, Instagram e WhatsApp, utilizando essas plataformas como formas predominantes de comunicação, lazer e expressão. No entanto, observou-se também a importância de promover uma reflexão sobre o uso consciente dessas redes, abordando temas como exposição, privacidade e a circulação de desinformação. A proposta das oficinas buscou, assim, integrar o letramento midiático ao exercício criativo, estimulando um olhar crítico e responsável sobre as práticas digitais cotidianas.

As oficinas

A oficina de fotografia foi pensada para introduzir os participantes ao olhar fotográfico e à noção de registro como forma de expressão. A atividade teve início com uma conversa sobre a função da fotografia na comunicação, no resgate de memórias e na valorização das vivências cotidianas. Em seguida, foram apresentados conceitos básicos, como enquadramento, luz, foco e composição. Com celulares e tablets disponíveis na instituição, as crianças e adolescentes foram incentivados a explorar os espaços do CEPIW e registrar imagens que representassem suas rotinas, afetos e percepções sobre o lugar. A proposta valorizou o olhar sensível dos participantes e a liberdade de escolha sobre o que e como fotografar. Durante o processo, os estudantes eram orientados individualmente ou em duplas, com sugestões técnicas e incentivo à experimentação. Ao final da atividade, foi realizado um momento de partilha, no qual cada participante escolheu uma ou mais imagens para exibir ao grupo, explicando os motivos da escolha e o que aquela fotografia representava para si. As imagens foram reunidas em um fotolivre

digital, que passou a integrar o acervo do CEPIW e foi compartilhado nas redes sociais da instituição, ampliando o alcance das produções. A oficina promoveu não apenas a alfabetização visual, mas também o reconhecimento da fotografia como ferramenta de empoderamento e valorização da identidade local.

A oficina de edição de vídeo teve como principal ferramenta o aplicativo CapCut, bastante popular entre os adolescentes e com interface acessível para iniciantes. A atividade começou com uma breve apresentação sobre os princípios básicos da linguagem audiovisual, incluindo enquadramento, plano, ritmo e transições. Em seguida, os participantes foram divididos em pequenos grupos e orientados a gravar vídeos curtos com seus próprios celulares, abordando temas ligados ao cotidiano no CEPIW, como atividades que mais gostam, espaços favoritos e depoimentos espontâneos sobre a importância do Centro em suas vidas. Após a gravação, os estudantes foram guiados em uma atividade prática de edição, onde aprenderam a cortar trechos, inserir trilhas sonoras, legendas e efeitos visuais diretamente no aplicativo. A proposta era que cada grupo construísse um vídeo curto, aplicando os conhecimentos adquiridos e exercitando a criatividade. A atividade promoveu um ambiente colaborativo e de troca entre os participantes, que demonstraram entusiasmo ao verem seus vídeos finalizados e prontos para serem compartilhados. A oficina reforçou, assim, a capacidade dos jovens de produzir conteúdo significativo e de desenvolver um olhar mais crítico e técnico sobre os materiais que consomem e compartilham nas redes.

Considerações finais

As oficinas realizadas no CEPIW evidenciaram o potencial transformador da comunicação quando associada a metodologias participativas e ao respeito pelas experiências dos sujeitos. Ao utilizar ferramentas acessíveis como a câmera do celular e o aplicativo CapCut, foi possível conectar os adolescentes a processos comunicacionais significativos, nos quais puderam se expressar, refletir sobre seu território e valorizar sua identidade.

O uso do fotolivro e dos vídeos como produtos finais teve grande impacto simbólico. Ao verem suas produções sendo valorizadas, os adolescentes demonstraram orgulho, interesse renovado pelas mídias e maior consciência sobre o poder da

comunicação em suas vidas. Além disso, a aproximação entre universidade e comunidade permitiu a vivência prática dos conceitos discutidos em sala de aula, fortalecendo o compromisso social da formação universitária.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 9 abr. 2025.
- MELO, José Marques de. **Comunicação comunitária: a utopia possível**. São Paulo: Paulus, 2010.
- ONU – Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Paris, 1948. Disponível em: <https://www.un.org/en/about-us/universal-declaration-of-human-rights>. Acesso em: 9 abr. 2025.
- PERUZZO, Cecília Maria B. **Comunicação nos movimentos populares**. São Paulo: Vozes, 2009.
- PERUZZO, Cecília Maria B. **A comunicação comunitária como um direito humano**. Revista Fronteiras – estudos midiáticos, São Leopoldo, v. 10, n. 2, p. 88-96, jul./dez. 2008.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. Revista Comunicação & Educação, São Paulo, n. 27, p. 15-33, jan./jun. 2008.